



# ESPELHO

JORNAL ILLUSTRADO

Vol. III.

(BRAZIL: PREÇO 300 REIS.)

Londres, 19 de Maio, 1917.

(PORTUGAL: PREÇO 8 CENT.) No. 6



## TORPEDEAMENTO DO TRANSPORTE "BALLARAT" POR UM SUBMARINO INIMIGO EM 25 DE ABRIL

*"Todos os soldados, devido à sua magnífica disciplina e sangue frio, mantendo assim as tradições do exército britânico, puderam tomar os salva-vidas e ser transportados para o porto pelas navios-patrulhas que accorrem ao local. Não houve vítima alguma." Relatório do Almirante.*

O "Ballarat," em viagem para a Inglaterra, transportava um grande numero de tropas australianas, navegando a 35 milhas de terra, quando foi torpedeado e mettido a pique. "Os soldados formaram em linha como em parada, disse o cabo Herbert Rowlands da Tasmania, com a diferença apenas de que numa parada nunca haveria tamanho divertimento." "Permanecemos nesta situação, por espaço de meia hora, enquanto os botes estavam sendo lançados à agua, e pelo porte dos nossos soldados, pessoa alguma seria capaz de imaginar que o navio se estava afundando. Poder-se-ha ver como todo esse trabalho foi desempenhado, a sangue frio, calmamente, pelo facto de que apenas um soldado se molhou, tendo escorregado na escada quando descia para o bote. A unica "victima" foi um esquilo de Africa que cahiu na agua, mas que tambem foi salvo." Nem mesmo um submarino allemão conseguiu affectar o animo e a jovialidade desses guerreiros australianos. Quando o transporte se afundava, um delles teve a ideia de pol-o em leilão:—"Quanto me dão pelo Ballarat?"—"Tres pence!" gritou um.—"Quatro!" disse outro. E assim de lance em lance o navio foi arrematado pelo soldado Robert Lee por dois shillings e nove pence, cerca de tres mil reis, mooda brasileira. *Da Sphere.*



Escritórios da redacção e administração  
d' "O Espelho."

9, Victoria Street, S.W.1.

Telephone—Victoria 4661.  
Londres.

Assignaturas.	Brazil, Portugal.
Annual ou (26 numeros)	Rs. 10\$000 3\$00
Semestre ou (13 numeros)	Rs. 5\$000 1\$50

#### AGENCIAS.

#### PARIS.

F. Mendes d'Almeida, 47, rue Vivienne,

#### Lisboa—

Alberto Rocha, 110, Rua dos Douradores.

#### Porto—

Magalhães & Moniz, Largo dos Loyos.

#### Manaus—

Stowell Brothers, Rua Marechal Deodoro,  
No. 7.

#### Para (Belem)—

A. M. Freitas & Cia, Trav. Campos Sales, 22,  
"Alfacinha," Rua João Alfredo.  
Livraria Universal de Tavares Cardoso, Rua  
João Alfredo.

#### Sao Luiz do Maranhão—

Antonio Pereira Ramos de Almeida & Cia.

#### Caca—

Crato, Rua do Commercio, 9, José de Carvalho.  
Camocim, José Pedro de Carvalho.  
Casa Ribeiro.

#### Parahyba do Norte—

Simão Patricio de Almeida, Areia.

#### Pernambuco—

Eugenio Nascimento & Cia, Livraria.  
Evaristo Maia, Rua dos Coelhoos, 3.  
Manoel Nogueira de Souza, Rua do Barão,  
da Victoria.  
João Walfredo de Madeiros & Cia., (Librairie  
Française), Rua 1 de Março 9.

#### Bahia—

Joaquim Ribeiro & Cia, Rua das Princesas  
No. 2.

#### Victoria—

Paschoal Sciamarello, Rua Jeronymo Mon-  
teiro, 6.

#### Rio de Janeiro—

Agencia Cosmos, Rua da Assembléa, No. 63.  
Crashley, Rua do Ouvidor, 58.

#### Sao Paulo—

Casa Vanorden & Cia, Livraria.  
C. Hildebrand & Cia, (Casa Garraux), Rua 15 de  
Novembro 40.  
Pedro S. Magalhães, Rua da Quitanda 26.  
Duprat & Cia, Rua Direita 26.  
P. Genoud, Livraria, Campinas.

#### Porto Alegre—

Livraria Universal Carlos Echenique.  
Agencia Cosmos.  
Livraria Americana.  
Fructuoso Fontoura, 4, Praça da Alfandega.

#### Rio Grande do Sul—

Albert C. Wood, S. Fco de Paula Cimo de Serra.  
Livraria Americana, Pinto & Cia.  
Meira E. Cia, Livraria Commercial.

#### Curitiba—

J. Cardoso Rocha, Rua 15 de Novembro.

#### Goyaz—

Alencastro Veiga, Rua do Commercio.

#### Minas Geraes (Bello Horizonte)—

Casa Arthur Haas.  
Rua de Bahia, no 784, C. Postal No. 2.

## NOTAS DO DIA

OS neutros que se surpreendem com a hesitação do *Controller* britannico de viveres em adoptar um systema obrigatorio de rações devem lembrar-se de que o problema é muito diferente daquelle que forçou o governo allemão a adoptar igual medida. E' preciso ter em vista que, apesar da campanha dos submarinos, milhares de navios estão entrando e sahindo diariamente dos portos britannicos, sendo grande um numero destes empregados no carregamento de viveres. Tambem é digno de nota que o perigo da diminuição de fornecimentos só abranja os cereaes. Conforme já dissemos, o *Controller* acaba de annunciar a sua intenção de abolir a ordem de prohibição de consumo de carne em determinados dias da semana.

Os stocks do paiz são tão grandes que não ha necessidade para estricte economia no consumo da carne. Se o povo diminuir o mais possivel o consumo do pão o problema a resolver tornar-se-ha mais simples.

As classes elevadas continuam a agir com louvavel patriotismo, mas naturalmente o maior numero de consumidores de pão, o pobre e as classes operarias, encontra dificuldade em reduzir o seu consumo, porque não têm meios para comprar uma certa quantidade de alimentos mais caros do que o pão.

Lord Devonport, o *Controller*, está convencido de que haverá farinha sufficiente para o consumo até á proxima colheita, a não ser que a campanha submarina tenha maior successo do que razoavelmente se deve esperar. Os fornecimentos de gorduras, como manteiga, margarina e banha são mais abundantes do que no anno passado o que constitue um facto animador. Compare-se a situação da Inglaterra, quanto a alimentos, á grave escassez de gorduras, cereaes e carne na Alemanha e ver-se-ha quão diferente é o problema nos dois paizes.

O convite official feito aos partidos socialistas da Russia para assistir a uma chamada conferencia "internacional" em Stockolmo e as noticias das condições de paz propostas pelo partido official socialista democratico da Alemanha não despertaram attenção.

Muita gente é da opinião, expressa pelo *Times*, de que o governo allemão preparou uma armadilha na qual os socialistas "mansos" da Alemanha serviram de um engodo para atrahir os russos.

A sensacional mensagem do sr. Gompers, presidente da Federação Americana de Trabalho, enviada aos representantes do Conselho de Operarios e soldados russos, em Petrogrado, foi, sem nenhuma duvida, um profundo golpe nas esperanças allemães, ás quaes Herr Emil Zimmerman no jornal *Lokalzeiger* já se tinha referido como um "feliz acontecimento politico."

Nada podia ter sido mais opportuno do que a declaração feita pelo sr. Gompers, de que a guerra é contra o "kaiserismo," o inimigo commum, e que a democracia russa se deve juntar á democracia americana para regeitar os propositos dos socialistas amigos do Kaiser e os planos de paz sem annexação. O operariado americano, continuou o sr. Gompers, pensa tambem como o Conselho russo que o unico processo que os allemães podem lançar mão para acabar a guerra com brevidade, é imitar o exemplo da Russia—forçar os Hapsburgs a abdicar e botar a baixo a tyrannia da casta militar.

O aproveitamento dos cadaveres na Alemanha ainda continua na ordem do dia. Um outro detalhe sobre a existencia de usinas allemães para a extracção de gorduras de cadaveres dos soldados podem ser encontrado numa resposta semi-official allemã sobre os esforços da "imprensa ingleza em espalhar os boatos de que a Alemanha está soffrendo escassez dos mais importantes materiaes para a fabricacção de altos explosivos." Essa

resposta diz o seguinte: "Existe agora grande abundancia de glicerina, visto como a Alemanha conseguiu inventar um processo de fabricacção, não de gorduras, mas de outros materiaes de que ha grandes reservas." Em vista do morticínio de allemães na vanguarda occidental os leitores podem muito bem tirar as suas conclusões.

E' espantoso como a palavra "Kamerad" se está tornando popular na Inglaterra. Se quizerdes fazer sentir que estaes acobardados ou com medo, basta levantardes as mãos e dizer "Kamerad" e todo o mundo comprehenderá logo. A razão é que "Kamerad" é o grito das grandes levas de alle mães que, sem combater, estão todos os dias a se render na vanguarda occidental. Por muito tempo depois da guerra esta palavra ficará ligada ao allemão, entre os povos que falam o idioma inglez.

Na Inglaterra, tanto faz chamar hoje os allemães de Hunos como de "Kamerads." E' a mesma coisa.

A situação dos paizes neutros, visinhos da Alemanha, assumiu agora mais um novo aspecto. Um jornalista de um dos principaes diários inglezes referiu-se á communicacção feita por um seu amigo hollandez de que a semi-official decisào do governo de Berlim, segundo a qual serão punidos severamente depois da guerra os allemães famintos que emigrarem para os paizes neutros, causara na Hollanda uma grande apprehensão. Recceia-se alli, bem como na Dinamarca e Suissa, a invasão, em massa, de soldados, civis, mulheres e creanças vindos da Alemanha, assolados pela fome.

Lutando contra uma carestia de viveres, cada vez mais seria, dispondo apenas de producção para o sustento proprio, esses paizes, com a actual corrente immigratoria da Alemanha, ver-se-ão cercados de graves dificuldades.

Aventou-se a ideia de que os aliados deviam, ao tratar da paz, insistir numa amnistia para os refugiados militares. Isso, porem, se torna quasi desnecessario, pois derrotada completamente a Alemanha, a queda dos Hohenzollerns será infallivel. E assim, o castigo que o Kaiser pensa infligir aos soldados, que fugiram para evitar a fome, não terá occasião de ser posta em pratica.

O povo inglez nunca esteve mais confiante, do que neste momento, de alcançar uma esmagadora victoria, e a intervenção da America tem certamente feito desaparecer qualquer duvida, sobre este ponto, partilhada ainda por uma pequena minoria de pessimistas.

Outro assumpto que tem sido discutido é o uso que os submarinos e *raiders* allemães têm feito nas aguas neutras. Levantou-se essa questão no Parlamento. O governo foi interpellado se porventura havia agido no sentido de notificar aos paizes neutros que a neutralidade nas suas aguas territoriaes deveria ser mantida. Respondeu o primeiro Lord do Almirantado, Sir Edward Carson, afirmando que a questão dos direitos dos belligerentes nas aguas neutras não se pode tratar numa interpellacção, acrescentando ainda que existe a suspeita de que os submarinos sejam lançados no mar atravez de nações neutras. Comtudo, o povo inglez sabe que a maior parte dos paizes neutros são francamente sympathiacos á causa dos aliados. Si elles não agem energicamente contra a violação de suas aguas é porque isso não lhes é possivel.

Os continuos attentados aos barcos hollandezes, noruegueses, hespanhoes, etc., o brutal assassinato de marinheiros neutros, demonstra claramente ao povo inglez que a Alemanha não tem o menor respeito pelos seus visinhos neutros, visto que sabe perfeitamente que elles não podem retrucar na mesma moeda.



Uma bateria de canhões britânicos numa posição dominante fazendo fogo sobre o inimigo

## COMO AGEM OS PIRATAS

**A** PIRATARIA que os allemães exercem nos mares já é, por si somente, uma infâmia imperdoável. Sendo contra as convenções da guerra, contra o direito internacional, contra os sentimentos de humanitarismo, ella demonstra claramente o quanto o boche é desleal, indigno e baixo. O que porém, prova com evidencia que o boche, na campanha contra os navios mercantes é villão e covarde são processos por meio dos quaes essa campanha e levada a effeito. Leiam os leitores a narrativa que publicamos abaixo, onde mais uma vez, se vê que os allemães já perderam completamente toda e qualquer noção de dignidade.

Navegava na Mancha, proximo ás ilhas Scilly um navio mercante francez, depois de uma tempestade violenta, quando o commandante foi avisado de que o telegraphista de bordo havia recebido um despacho de um outro navio, tambem mercante, pedindo soccorro urgente, dando ao mesmo tempo as seguintes indicações: norueguez, tres mastros e o seu nome, *Bergen*. O pedido de soccorro foi attendido. O commandante do navio francez respondeu que dentro de uma hora estaria no lugar indicado. Pouco depois novo radiogramma. Parecia o ultimo grito de afflicção soltado pelo *Bergen*, em agonia.

### A TRAIÇÃO

O ceo estava limpo e bello. Um luar esplendido illuminava profusamente o oceano. Viase como em pleno dia. Depois de uma hora poucos minutos de marcha, foi avistado o navio que pedia soccorro. Era um grande veleiro, pardo, a tres mastros, que fluctuava numa situação normal, o que causou apprehensão, pois no primeiro radiogramma elle se dizia prestes a naufragar. Quando o vapor francez se achava a uma distancia de 360 braças, um holophote encheu de luz a ponte do veleiro. A tripulação do navio que tão generosamente corraera em auxilio de quem pedia soccorro, dizendo-se prestes a se afundar, viu, então que a bandeira norueguesa era recolhida, ao passo que era içada a bandeira dos piratas.

Os francezes tinham sido victimas de uma cilada ignobil.

"Eu já me preparava, dizia o commandante a um jornalista, para virar de bordo, quando ouvimos um estampido, seguido quasi que immediatamente de dois outros. O nosso pobre vapor tinha sido attingido na roda da proa e a bombordo. O holophote funcionava sempre sobre a ponte do corsario, o que nos permittia ver os officiaes e a equipagem que nos saudavam entre gargalhadas, soltando zombateiramente, de vez em quando, o grito de "Vive la France!"

Virei rapidamente a prôa para o pirata afim de offerecer o menor alvo possivel; mas quando eu assim manobrava, um obuz nos



Um Tommy que aproveitou caixas de granadas abandonadas pelos allemães para repousar



Dois typos de allemães da grande leva de prisioneiros feitos recentemente pelos britânicos

atingiu por baixo da linha de fluctuação. Foi quando vi que tudo estava acabado; dei ordem de lançar os escaleres ao mar."

### REQUINTES DE PERVERSIDADE

O bombardeio ainda não havia feito nenhuma victima; mas no momento em que o escaler n.º 1 deixava as suas amarras, um obuz o attingiu matando quatro marinheiros. A agua começava a invadir o porão. Era preciso sahir. Os piratas não satisfeitos continuavam a canhonear os escaleres, afim de que as suas victimas, sem meios de salvação, morressem afogadas. Mesmo assim, quatro escaleres lançados ao mar, conseguiram collocar-se a estibordo, protegendo-se contra a artilharia inimiga.

### PILHERIA DE BRUTOS

"Nosso vapor, disse o commandante afundava-se pouco a pouco, em perfeito equilibrio. Mas um ultimo projectil fez-lhe na prôa uma brecha enorme, causando-lhe uma rapida immersão. Estavamos tão proximos dos inimigos que ouviamos distinctamente o barulho das suas vozes. De repente um official me interpellou em francez:

—Quem é o capitão?

—O Sr. vê bem que sou eu.

—Seu nome?

—Para que? O Sr. não tem necessidade de saber como eu me chamo.

—Sim. . . E' para fazer rezar as orações quando o Sr. estiver morto!

### DIVERTINDO-SE EM MATAR

Os piratas ainda não estavam saciados. Toda a tripulação do navio francez havia saltado para os escaleres restantes, enquanto os canhões do falso *Bergen* se divertiam em alvejar-os, ao som da *Marseillaise*, executada por uma orchestra de flautas e violinos. Um obuz conseguiu attingir um escaler, ferindo alguns e matando outros marinheiros. A equipagem allemã soltava gargalhadas estridentes ao ver que os feridos se debatiam agustiosamente sobre as ondas.

Era intuito do corsario fazer dos marinheiros francezes prisioneiros de guerra. Mas como um cruzador inglez hovesse attendido a um radiogramma communicando a cilada, o corsario julgou prudente mudar a intenção.

Eis ahí. São piratas até a medulla. Lançam no espaço um pedido de soccorro. Si é um navio mercante que attende o corsario faz a sua obra, mette a pique o navio desarmado, e não contente, diverte-se ao som de uma orchestra, em afundar a tiro de canhões os escaleres dos sobreviventes. Si, porém, surge um navio com qual os allemães possam medir força, fogem como cães medrosos.



Um obuz inglez explodindo numa trincheira dos "boches"

## COM A "RETIRADA ESTRATEGICA" DE HINDENBURGO A EVOLUÇÃO DA KULTUR ATINGIU O ZENITH.

**A**LLEMANHA, logo aos primeiros dias da guerra, desafiou a máscara. E, então, aquelle povo que se julgava intelligente, activo e cavalheiresco, que se dizia forte na industria, invencivel no commercio, notavel na sciencia, que marchava na vanguarda das grandes nações.—surgiu aos olhos do mundo, como de facto, se apresentava atravez do seu falso verniz de civilisação: perfido, sanguinario, hypocrita e feroz. A decepção foi universal. Ninguém suspeitava que neste seculo rutilante de conquistas gloriosas, visando quasi todos o bem da communitate, existisse, enkystado no seio da Europa de hoje, um paiz capaz de conceber as mais negras miserias, males os mais infernaes. Pois esse paiz existia:—era aquelle povo que se julgava intelligente, activo e cavalheiresco, que se dizia forte na sua industria, invencivel no seu commercio, notavel na sua sciencia, que marchava na vanguarda das grandes nações.

EM 1914

Todavia, commettidas as primeiras infamias, esperava-se que a Allemanha estancasse a sua corrente de indignidades, depois que ao nariz de seu exercito, entregue á violenta embriaguez das primeiras victorias, fosse applicado o amoniacio salutar de uma resistencia tenaz. Mas não. Tal não se deu, infelizmente.

Em 1914 ao começar a guerra, a Belgica e o Luxemburgo foram invadidos traioceiramente, covardemente. Foi o panno de amostra. Porque a Allemanha não deu tempo a que o mundo se horrorisasse diante desse attentado ignominioso. Mal surgiam os protestos vibrantes contra a sua covardia, já o exercito prussiano canhoneava cidades abertas desfortificadas e fazendo das cathedraes o alvo predilecto dos seus "420," empregava contra o peito corajoso e heroico dos belgas as terriveis balas *dum dum!* brutalidade que veio a cessar não porque a Convenção de Haya—para não falar em espirito de humanidade—a condemne expressamente, mas pelo receio de represalias de igual rigor, que no caso se tornariam tão razoaveis como necessarias; nas batalhas do Marne e do Yser, se punha em pratica, como arma de combate, o gaz asphixiante e jacto de liquido incandescente. Nesse mesmo anno, ao Natal, os allemães inauguram as incursões aereas sobre cidades indefesas da Inglaterra, sem o menor resultado entretanto. Assim, com os ultimos arrancos de 1914 ficou a Allemanha sepultada na lama profunda que o exercito prussiano deixou á sua passagem em caminho do impossivel: Paris!

EM 1915

Na passagem do anterior para esse anno os allemães se despiram do resquicio de escrupulo que porventura lhes restasse. Como addendo ao *Deutschland uber alles*, elles adoptaram o immoral principio, praticado pelos degenerados, de que a guerra é como o amor: pode-se "fazer tudo." . . . Estavam, pois, dispostos e desembaraçados a agir como lhes indicasse o instincto. E agiram. Começaram pelas regiões invadidas. Von der Goltz, escolhido para algoz da Belgica, impoz-lhe, depois de declarar, em nome do governo imperial, que o

povo belga só inspirava sympathias á Allemanha, toda a sorte de opprobios e de violencias. Os seus successos honram a sua politica. Toda a Belgica começou a ser tratada como um bando de condemnados perigosos, debaixo de um regimen aviltante e caviloso. O povo começou a respirar sob a pressão de um despotismo inominavel. Sob qualquer pretexto, fuzilava-se, quero dizer assassinava-se um cidadão por um imaginario crime de "espionagem." A mesma vida coube aos habitantes da região franceza invadida, onde todo o mundo encontrado nas ruas, ou nas estradas, ou nos campos depois das 7 horas da noite, era summariamente fuzilado como "espião." Extorsões a cidades sob o aspecto de indeminasações de guerra ás cidades conquistadas sob impostos aladroados, tributos impiedosos lançados sobre os infelizes, dessa região, requisição de toda a moeda-circulante do paiz em troca de um bonus—tudo isso constitue uma delicia comparada ás barbarias iniciadas pelos allemães como medida administrativa nos territorios occupados. Ao mesmo tempo que se desenrolava toda essa vilania na Belgica e no norte da França, os prisioneiros alliados até então somente insultados e zombados pelas populações allemães ainda frescas dos successos do seu exercito, conheciam, quando as victorias francezas e inglezas se fizeram sentir, uma serie longa de martyrios.

Data d'ahi o processo germanico de tratar os prisioneiros de guerra. Assistimos depois pela primeira vez no mundo o torpedeamento, "por engano" de um navio mercante pertencente a um neutro. Foi tambem em 1915 que se perpetrou esse crime monstruoso e inextinguivel do *Luzitania*. Ainda em fins desse anno os allemães levavam a cabo o fuzilamento frio, tranquillo, calmo e raciocinado da mulher que dedica toda a sua vida e alma nessa missão nobre e sublime de, indistinctamente, pensar as chagas de seus compatriotas ou de seus inimigos,—na pessoa doce, meiga e abnegada da desditosa Miss Cavell. E antes que o anno de 1916 surgisse sem que a *culta* Allemanha praticasse mais uma barbaria repugnante, pararam sinistramente sobre Londres, como abutres ameaçadores tres Zepellins, semeando das barquinhas, a morte aos velhos, ás mulheres e ás creanças de uma cidade que jazia na dolorosa immobilidade de um gigante acorrentado, recebendo golpes que não podia repellir, desarmada completamente, não porque lhe faltasse meios com que se defendesse, mas por não julgar que a Allemanha, como nos casos de amor (mas de amor de lupanar), fosse capaz de "fazer tudo"

EM 1916

Este foi um anno cheio. Citemos, para começar, a deportação belga.

A deportação belga! . . . Quantos horrores essas tres palavras não evocam. O facto de se obrigar o "deportado renitente", por meio dos supplicios da fome e da sede, a escolher entre o "parte ou morre!" o fuzilamento summario do "revoltoso"; a vida de humilhações, de escravidão, de soffrimentos infligidos aos infelizes deportados—tudo isso vale pela

demonstração eloquente da brutalidade do povo allemão. Mas o que faz da deportação belga um acto de suprema brutalidade, de inqualificavel selvageria, é a imposição irrevogavel feita ao deportado de construir trincheiras contra os proprios alliados e fabricar canhões, obuzes e metralhadoras contra os proprios irmãos.

A "requisição" de todas metaes ou objectos e machinismos utilisaveis nas fundições para o fabrico de material, pertencentes, quer a casas particulares, quer a commerciaes, teve tambem o seu inicio, tanto na Belgica como na França, na mesma epoca. Foi a irmã gêmea da deportação. Em seguida, a destruição methodica das fabricas e usinas dos mesmos territorios invadidos completou a obra dos vandalos.

Além dessas exhibições da mais refinada *kultur*, os allemães aperfeçoaram todas suas melhores instiuições: o martyrio dos prisioneiros, o attentado dos Zepellins, e guerra submarina contra neutros e belligerantes. O martyrio dos prisioneiros ultrapassou a expectativa. Exemplos: as enfermeiras da Cruz Vermelha escarram nos pratos e copos antes de servirem os feridos britannicos; os prisioneiros, sobretudo os inglezes, quando protestam contra a fome e o mau tratamento, são transferidos para os barracões onde jazem, numa confusão horripilante, os companheiros atacados do typho; creanças allemães armadas de arco e flecha divertem-se nos campos de concentração, fazendo sobre os prisioneiros exercicios de pontaria. O primeiro exemplo deve-se a um jornalista suizo na sua chronica para o *Times*; os dois ultimos, ao ex-embaixador americano em Berlim, que acaba de narrar-os no banquete celebrado em sua honra, do Canadian Club de Nova York.

EM 1917

Este anno promete. Ainda não chegamos a Junho, o primeiro semestre ainda não se completou—e a lotação das infamias já está excedida. Logo em Fevereiro foi inaugurada a guerra submarina sem limites e sem aviso contra os navios mercantes tanto de belligerantes como de neutros, sendo, ao mesmo tempo, resolvida a intensificação do attentado aos navios hospitaes. Depois surgiu a retirada de Arras a Soisson, onde os allemães praticaram toda a sorte de vandalismo que nunca existiu nas guerras passadas. O incendio das cidades, devastação de campos e florestas, o envenenamento da agua potavel, a destruição completa das fabricas e usinas, a arrazamento methodico das aldeias, a profanação de templos, o saque das casas commerciaes e particulares, o assalto aos bancos—constituem alguns dos muitos exemplos de selvageria e deshonestidade que os allemães commetteram na "retirada estrategica" de Hindenburgo.

Apeza da *Kultura* haver, depois dessa memoravel retirada, attingido o ultimo grão de sua "perfeição," tudo nos leva a crer que os allemães nos reservam para o segundo semestre de 1917, umas tantas surpresas em materia de crueldade, de infamias, de vandalismos de covardias, mostrando assim ao mundo que a imaginação da Allemanha é muito mais fecunda do que se pensa.

# PATRULHA NOCTURNA: *Surprehendendo Sentinellas do Inimigo numa Cavidade.*



ENCONTRO DE PATRULHAS—UMA LUTA À MORTE SEM UM TIRO.

As patrulhas movem-se lentamente em "No Man's Land" para vigiar os movimentos do inimigo, evitando surpresas. Esse serviço é geralmente feito por um sargento ou cabo acompanhado de duas ou tres praças. Quando uma granada luminosa explode nos ares, elles rapidamente se enternam na mais proxima cavidade que encontram, e a nossa illustração mostra um desses episodios, quando as patrulhas britannicas encontraram algumas sentinellas allemães que já alli se haviam refugiado. Seguiu-se uma luta mortal sem o ruido de um tiro, pois seria perigosissimo disparar uma arma de fogo em "No Man's Land." Os representantes das duas nações, não contando com qualquer auxilio externo, disputam num pequenino mundo a victoria da grande batalha universal.

DA SPHERE.



Tropas da cavallaria britannica avançando em terreno reconquistado

## AS CONTRADICÇÕES DO GENERALÍSSIMO ALLEMÃO

### OS SONHOS IMPERIALISTAS DE HINDENBURGO

UMA alta personagem americana conta na *New York Tribune* o seu primeiro encontro com o então General Hindenburgo. O assumpto recahiu, quasi no fim da conversação, sobre a probabilidade de uma guerra com a França. Interpretando o sentimento geral da Allemanha, o general assim se exprimiu: "A guerra com a França, o que quer dizer com a Inglaterra tambem, pois os dois paizes combaterão lado a lado, virá desde que estejamos promptos. A Allemanha está em via de ser estrangulada pela França, Inglaterra e Russia. Ensina-se a todos os collegiaes allemães que a patria está cercada de lobos prestes a devoral-a logo que se encontrem sufficientemente fortes. E preciso pois congregar todas as nossas forças e bater esses dois primeiros. Nossa população tornou-se numerosa de mais para a extensão territorial da Allemanha. Precisamos de uma saída; do contrario teremos a guerra civil. Precisamos de portos livres no Atlantico, isto é, a Belgica, quer ella consinta em fazer parte do imperio, quer a incorporemos por conquista. Calais e talvez o Havre nos são necessários. A França não precisa de nenhum desses dois portos, por isso que ella dispõe de uma extensa costa ao sudeste. Quando o pavilhão allemão tremular sobre o antigo imperio de Carlos Magno, a Hollanda deverá tambem, para a sua propria protecção, fazer parte do nosso imperio. Teremos assim portos livres e, ainda mais, um campo livre para as nossas expansões e colonias situadas não nas regiões desertas ou pantanosas da Africa, mas no Mexico e na

*America do Sul, onde os interesses allemães já estão solidamente estabelecidos."*

O governo allemão tem trabalhado com grande esforço para tirar de seus hombros a responsabilidade da guerra. Mais do que isso: na Allemanha, tanto no Reichstag como



Um official escotez ferido diverte-se, pondo na cabeça um capacete allemão tomado na luta na imprensa, tanto o Kaiser como o chancellel, não se cançam, agora que a derrota dos imperios centraes é infallivel, de accusar os aliados como os provocadores da guerra

actual. Entretanto, os mesmos que tentam neste momento provar que a Allemanha "não quiz a guerra" estão em desaccordo com o que diziam ainda hontem. Esse exemplo do marechal Hindenburgo é frisante. Mais de uma vez o generalissimo allemão tem aberto a sua bocca para dizer que a Allemanha "não quiz a guerra." Apezar disso, o mesmo Hindenburgo já proclamava antes de se declarar o actual conflicto, que a guerra com a França e Inglaterra virá desde que elles, allemães estivessem promptos.

Mas nas declarações publicadas pela *New York Tribune*, o que é sem duvida interessantissimo é o sonho imperialista de Hindenburgo. A Belgica ou consentiria em fazer parte do imperio, ou seria annexada, pois a Allemanha tinha necessidade dos seus portos. Como a França poderia viver sem Calais e sem o Havre, o imperio sentiria muito, mas esses dois portos passariam para a Allemanha. A Hollanda, essa seria a primeira a concordar em ser governada pelo Kaiser, e isto para a sua propria defeza. O Mexico ganharia tambem o seu pedaço, como colonia allemã. Pelo sonho de Hindenburgo nem mesmo o Brazil escaparia, pois uma certa parte da America do Sul, onde os interesses allemães estão solidamente estabelecidos iria constituir a famosa "Allemanha Antartica!"

Agora, depois das derrotas successivas infligidas ás tropas prussianas, é provavel que o generalissimo tenha mudado de ideias, dando-se por feliz se os aliados lhe deixarem o territorio intacto, com excepção da Alsacia e Lorena, cujo fim já está designado.



Bombardeio de posições allemães por uma bateria britannica na vanguarda occidental



Patrulhas de cavallaria britannica e cyclistas estacionando numa posição abandonada pelos allemães.



Tropas britannicas retirando arvores cahidas nas margens de um rio por meio de cabos

## PALAVRAS QUE COMPROMETTEM

**A**S grèves operarias recentemente verificadas em Berlim e outras cidades allemães, tendo occasionado uma seire de violencias e brutalidades da parte do governo, foram como se esperava, agitar tumultuosamente o Reichstag. Numa das ultimas sessões daquella casa, os socialistas redobraram os ataques que vinham fazendo ao governo.

O general Groener assumiu a defeza. Começou dizendo que havia em circulação um manifesto operario apresentando a Allemanha como uma grande prisão, de onde nada podia sair ou entrar livremente. Um outro manifesto distribuido pelas fabricas de Berlim, convidando o povo allemão a protestar contra a fome, continha dentre outras, as seguintes "manifestações de indisciplina:—

"As tropas russas esmagaram o tzarismo, impondo a instituição de um governo popular, ao mesmo tempo que aqui na Allemanha a miseria continúa reinando. E' preciso que os operarios abandonem o trabalho e deixem suas fabricas para instituir um governo popular vasado no movimento libertador da Russia."

Em Leipsiz—é ainda o general Groener quem está com a palavra—na madrugada do 1º de Maio foi distribuido um bolletim á população operaria glorificando a revolução russa. Esse bolletim terminava assim:—  
"VIVE A BANDEIRA VERMELHA TREMULANDO SOBRE UMA REPUBLICA ALLEMÃ!" Depois de citar outros factos, o general Groener conclue fazendo um appello ás classes operarias dizendo que o governo viu-se abrigado a lançar mão de medidas energicas em face dos ultimos acontecimentos sobre a recente greve.

A esse discurso responde o deputado Ledebour, da minoria socialista:

"Devo dizer a minha opinião sobre o appello dirigido pelo general Groener, appello que a classe operaria considera como um insulto."

O orador é chamado á ordem.

"Que o general Groener—continúa o deputado Ledebour—se apresente pois, a uma reunião publica, e terá conhecimento do pensamento dos operarios sobre a situação actual. O ministro da guerra não attende sinão aos que insultam a gente sem defeza, como acabaes de fazer, senhor general Groener."

Faz-se na sala das sessões do Reichstag um violento tumulto. Protestos e apoiados. O orador chamado pela segunda vez á ordem, continúa:

"A prisão dos delegados operarios nos corredores da chancellaria do imperio foi uma bofetada no povo allemão. Os que querem exercer uma pressão violenta sobre os operarios, valendo-se do estado de sitio, enxovalham o direito."

Em seguida, o orador refere-se ás persiguições de que os operarios têm sido victimas

afim de punir os responsaveis pela ultima greve. Mas punir como? De que maneira julgal-os?

E' da competencia de um tribunal, fala-se Mas não ha tribunales imparciaes. Os operarios são uns escravos. AS DEPORTAÇÕES BELGAS, QUE AINDA CONTINUAM, CONSTITUE O MAIS ESCANDALOSO ATENTADO AO DIREITO DAS GENTES. Cada vez que nós nos permittimos fazer uma critica sobre o assumpto, o ministro invoca A MA IMPRESSÃO QUE ISSO PRODUZIRIA NO ESTRANGEIRO. São os actos do governo que produzem um mau effeito e não as criticas."



"Tommyes" conduzindo rolos de arme farpado para cercar posições tomadas ao inimigo

"Precisamos conclue o orador, de paz para que fiquemos livres da fome e da escravidão do estado de sitio. A maioria dos soldados nas trincheiras prefere a paz immediata sem indemnisações nem annexações."

Do discurso do general Groener a parte mais interessante é que se refere á propaganda surda e constante entre as classes operarias contra as instituições imperiaes. Os operarios allemães estão fartos do Kaiser e da casta militar que constitue a sua *entourage*. Em-

quanto a Russia se democratiza, dizem elles, a Allemanha continúa na miseria, morrendo de fome, por assim dizer.

A resposta do deputado Ledebour, essa é, de principio ao fim, digna de nota. Tratemos, porem, apenas da parte que se refere á paz e da que allude á deportação belga. A paz conforme diz aquelle deputado socialista, deve ser feita o quanto antes para que o povo allemão "fique livre da fome." É a maioria dos soldados desejam-na immediatamente, sem indemnisações e muito menos sem annexações. Ahi está uma confissão a mais, que demonstra com eloquencia em que estado se encontra a Allemanha. Ainda ha um anno, não existia um unico soldado prussiano que não fosse partidario de uma serie de annexações e de um formidavel tributo de guerra, que os alliados seriam forçados a pagar aos imperios centraes. Agora, porem, já não pensam assim. Batidos dia a dia pelas forças britannicas e francezas, sem a menor esperança da victoria, esses mesmos soldados querem uma paz immediata para que a Allemanha "fique livre da fome."

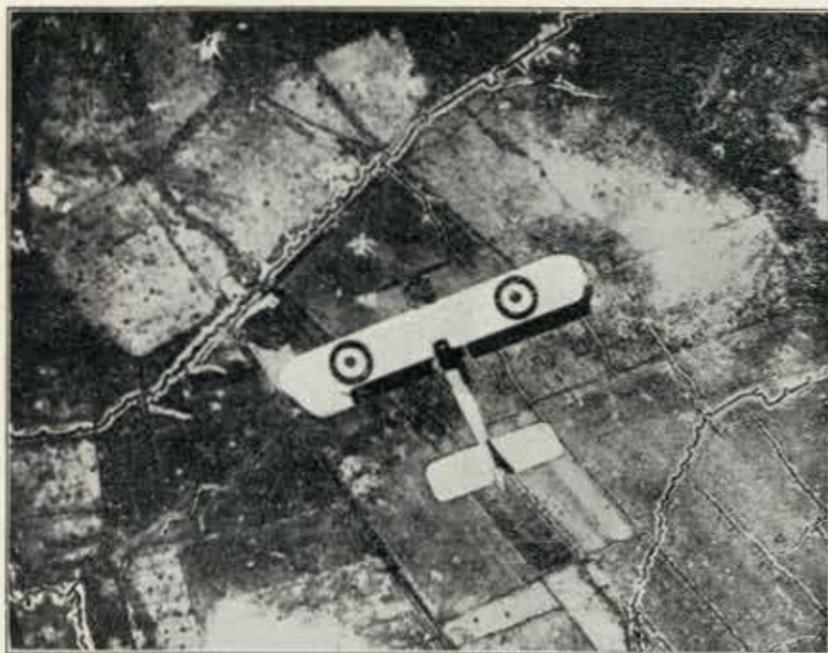
Quanto á deportação belga, que o proprio deputado Ledebour reconhece como o *mais escandaloso attentado ao direito das gentes*, vale a pena lembrar aqui a carta do Cardeal Gasparri, ao ministro belga junto á Santa Sé, segundo a qual as autoridades allemães haviam se comprometido, devido á intervenção do Papa, não só a suspender a deportação belga como tambem a repatriar os injustamente deportados, dizia a carta do Cardeal Gasparri—

"Depois de informações seguras, recibidas ultimamente de Berlim, as autoridades competentes estão dispostas a não mais proceder a novas deportações forçadas de operarios belgas na Allemanha, permittindo ao mesmo tempo a repatriação dos que, como resultado de erros possiveis, foram deportados injustamente."

Vejam os senhores como o governo allemão vive a mentir desbriadamente para encobrir as suas infamias. O Kaiser compromettera-se em março, a suspender a deportação belga para attender a um pedido do Papa. A noticia correu os quatro cantos do mundo. Entretanto, sempre affirmamos destas columnas que esse compromisso não passava de um bluff. A declaração feita, ha uma semana, pelo deputado Ledebour, de que as deportações belgas *ainda continuam*, veio demonstrar que tinhamos carradas de razão: a promessa de que falla o Cardeal Gasparri, feita com a premeditação de não ser cumprida, foi um acto do mais revoltante cynismo com que o Kaiser tentou ridicularisar a generosa e humanitaria intervenção do Summo Pontifice em favor de um povo que está sendo ignominiosamente escravizado pela tyrannia e brutalidade da Allemanha.



ESCRAVISADOS—SCENA NUMA DAS CIDADES DA BELGICA.  
*Reproduzido de um Quadro de F. Matania (Da Sohere).*



Um aeroplano voando por cima de trincheiras numa altura de 1000 metros



Ajustando aparelhos a dois escaphandristas que vão fazer reconhecimentos

## S. TOMÉ E PRINCIPE

*Relatório oficial do consul geral britânico em Loanda tratando das condições da mão d'obra em S. Thomé e Príncipe e do engajamento e rapatriação dos trabalhadores indigenas.*

Loanda, 30 de Outubro de 1916.

Ao primeiro Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros de Sua Magestade Britanica.

Ex.<sup>mo</sup> Senhor :

Tenho a honra de acusar recção do despacho N.º 15, (134725/52A) do dia 15 de julho p. p. que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou enviar-me e que versa sobre a resolução tomada pela Casa Cadbury, e outras firmas britannicas, de interromper as compras de cacao em São Thomé e Príncipe. Em resposta a esse communicado ouso afirmar que, na minha fraca opinião, as condições actuais em que a mão d'obra se obtém e se emprega nestas ilhas, justificariam a renovação das compras de cacao.

Desde o mez de setembro de 1915 tenho percorrido dezanove roças, situadas quasi todas na região sul de São Thomé—a parte menos favorecida da ilha, onde se poderia esperar que as roças fossem menos bem fornecidas. Passei tambem dois mezes a visitar os distritos de Angola onde se estão estabelecendo os successivos troços de escravos libertados, e cheguei á conclusão que o governo português e os roceiros tem feito durante os ultimos anos um esforço sincero e bem-sucedido para regularisar este trafico o qual portanto, merece ser reconhecido.

As observações feitas nas restantes paginas deste relatório, referem-se mais particularmente a São Thomé porque não tive ainda ocasião para visitar a ilha do Príncipe. As estatísticas de alguns anos para traz, provam, contudo, que se empregam ali na maioria indigenas das ilhas do Cabo Verde. Encontrei alguns destes indigenas em São Thomé onde gosam da reputação de terem caracter independente e que não tolerariam nenhuma injustiça. Daqui se poderá concluir que as condições da mão d'obra na ilha do Príncipe não são inferiores ás que prevalecem em São Thomé.

Emquanto ao recrutamento de trabalhadores para as ilhas, parece-me que ha toda a razão para reconhecer que os metodos hoje em vigor nada deixam a desejar. Sai ultimamente de Benguela em viagem para o interior na companhia do Sr. Martins, a quem conheço ha dois anos no seu caracter de agente de recrutamento naquela região de Benguela. Aguarda este senhor com grande interesse o regresso que se deve efectuar no proximo ano e depois, dos trabalhadores que ele recrutou para as ilhas, ha dois ou tres anos. Nutre a esperança que esse regresso de trabalhadores bem acondicionados, endinheirados e com boas roupas, sirva de reclame para futuros recrutamentos. Até essa data tinha feito o recrutamento nas visinhanças e para o sul de Huambo; sala agora para

o Bailundo que fica para o norte de Huambo; para encetar a sua tarefa nessa região, pois parecia-lhe poder contar, sem mais recrutamento, com uma corrente certa de trabalhadores daquelle distrito, e esperava conseguir o mesmo resultado em Bailundo. O sistema de recrutamento posto em pratica entre os indigenas da tribu dos Quilengues e que consiste em contractos dum ano, já deu bons resultados, como notou o Sr. vice-consul Cassels no memorandum despachado por mim em 30 de junho p. p. em que ele conta que um individuo de nome James Chapman, subdito britannico, nascido em Angola, afirma que "muitos dos seus rapazes (Quilengues) o tinham deixado por motu proprio para se engajarem no serviço de São Thomé." A Sociedade de Emigração que recruta para as ilhas, adotou, como já tive a honra de participar, o excellente alvitre de convidar os chefes de tribu a visitarem São Thomé e ali examinarem as condições em que iria trabalhar a sua gente. Varios chefes do sul de Angola tecem-se aproveitado do convite. Falando eu ha pouco com uns trabalhadores angolêses a bordo do navio que os devia conduzir a São Thomé, vi entre eles o chefe duma tribu das imediações de Bailundo, o qual seguia com a mulher e a filha para visitar a ilha e acompanhar ao mesmo tempo um troço da sua gente recrutada para ali.

Nestes ultimos dois anos tem-se desenvolvido bastante a agricultura em Angola, e isso requer necessariamente maior numero de braços. Os agricultores censuram asperamente os governantes por faltarem ao seu dever de os coadjuvar na procura de mão d'obra. E' rara a semana em que não traz o *Jornal de Benguela* principal órgão dos fazendeiros, criticas severas ás autoridades locais ou aos seus superiores; porém nunca vi nenhuma critica feita aos meios empregados pelos recrutadores para obterem trabalhadores para as ilhas. Se esses meios fossem ilegais ou injustos, seriam os agricultores os primeiros a denuncia-los, visto fazez-lhes viva concorrência no mercado.

O salario oferecido nas ilhas apesar de pouco exceder ao que é estipulado pela lei em Angola, parece ser o principal engodo para os trabalhadores; a diferença consiste em que o serviçal de São Thomé regressa com um bonus acumulado durante ás vezes tres anos, enquanto que o trabalhador angolêz raras vezes trabalha mais de tres mezes seguidos e não pôde, necessariamente, apresentar nenhum peculio. Em conversa com uns indigenas que seguem para as ilhas, tenho-lhes perguntado o motivo por que vão, e quasi invariavelmente me respondem que é "por causa do dinheiro." Consta-me que durante certas estações do ano muitos indigenas se oferecem aos engajadores afim de fugirem ao trabalho de calceteiros das estradas na visinhança dos seus domicilios, tarefa pela qual não recebem paga.

Em quanto ás medidas tomadas para o bem estar dos serviçais durante a sua permanencia nas ilhas, tomo a liberdade de pedir a V. Ex.<sup>a</sup> consulte o meu despacho n.º 35 de 3 de julho p. p. que dá o resultado do que vi e observei durante a minha recente visita a dezanove roças. Como já referi, a maioria destas roças ficam na região menos prospera de São Thomé, onde o solo não é tão productivo e onde portanto parece que as condições devem ser peores. Só em raros casos tive ensejo de notar defeitos nos domicilios ou nos hospitais; neste sentido o caso mais frisante é o de São João dos Angolares, que está em estado de falencia devido ao desperdicio dos seus proprietarios mulatos. Consta que os credores vão tomar conta da roça. Esta roça tem todos os dados precisos para se tornar um negocio florescente, o que lhe falta só é capital sem duvida os novos proprietarios atenderão á boa acomodação dos seus serviçais. No decurso das minhas visitas vi em quasi todas as roças edificios acabados de novo ou em via de construção para hospitais ou para habitações dos serviçais; ninguém pôde duvidar que os plantadores se estão empenhando seriamente para aumentar o conforto e melhorar as condições higienicas, isto apesar dos grandes embaraços trazidos pela guerra.

Não me é possível assegurar se é ou não verdade que os serviçais estão em geral sujeitos a maus tratos; porém não me parece possível que recebam (se é que recebem) castigos corporais excessivos da parte dos patrões ou dos seus subordinados. A lei castiga severamente as ofensas corporais que resultem em feridas ou contusões e proibe o carcere. Além disso a quem impedir que a queixa dum serviçal chegue ás autoridades é imposta uma multa grande ou prisão. Disse-me o senhor duma roça que os trabalhadores não deixam de se utilizar deste direito de fazer a sua queixa perante o curador. Percorrendo as roças não vi indício algum de medo da parte dos trabalhadores ao avistarem o administrador ou um seu empregado que me acompanhasse na minha visita. A melhor prova que as condições de vida nestas ilhas são em geral bem aceites, é que grande numero de serviçais tomam segundo engajamento. Tenho feito inumeras viagens para São Thomé e tenho visitado muitos dos vapores que para ali seguem, e encontrei sempre sem exceção um ou mais serviçais que voltavam pela segunda vez. Estes pertencem ao novo tipo de trabalhadores com contrato em forma. Da ultima vez que fui a bordo ver os serviçais em transporte para São Thomé, dos 120 angolêses iam tres pela segunda vez; dois destes disseram-me que já tinham feito tres anos de serviço e que o seu novo contrato era para mais cinco anos. Pareciam compreender perfeitamente a duração do contrato, mas atraia-os a paga.

E' bastante elevado o numero de mortes nas plantações. As estatísticas que se acabam

de publicar acusam em São Tomé 1.958 mortes numa população de trabalhadores de 35.000 a 40.000, durante os primeiros seis meses de 1916; isto é, uns cinco por cento ao ano. Destes, 908 vinham de Angola e 1.006 de Moçambique. A estatística prévia dava 2.159 mortes de junho de 1915 a fevereiro de 1916; isto é uma percentagem um tanto inferior. Vê-se pela estatística que a maioria das mortes é devida a desenteria, doenças pulmonares e tuberculose, provenientes sem duvida, pela maior parte, da mudança de clima. Esta mortandade é lastimável, mas está provavelmente a par do que acontece noutras partes onde o indígena tem de trabalhar fóra do seu país. É unânime a opinião entre os roceiros com os quais tenho conversado sobre este assunto, que são precisos seis meses para o trabalhador se aclimatar e se acostumar ao trabalho das roças. O serviçal passa grande parte deste tempo no hospital, ou seja para tratar feridas recebidas no manear de ferramentas cortantes a que não está habituado ou seja por doenças desenvolvidas pelas novas condições em que trabalha.

Emquanto ao assunto de renovação de contrato, não me parece haver já possibilidade de, por fraude ou por violência, induzir o serviçal a aceitar novo contrato. Tenho tido ocasião durante as minhas viagens ao interior de conversar com centenares de tipo antigo de serviçais, primitivamente escravos, agora libertados e estabelecidos mais ou menos permanentemente em Angola. Tinham estado em roças situadas em varias partes das ilhas; não parece crível que outros da mesma classe, ou iludidos ou debaixo de pressão, ficassem nas roças se quizessem sair e houvesse um navio que os trouxesse. Há mais; quando se vai proceder ao acto de renovar os contratos, a gazeta oficial publica o dia e a hora marcados; sendo numa roça, vem indicado o lugar de reunião, que se efectua ou na casa do curador, ou na roça conforme o numero de trabalhadores em questão, e o publico tem direito de assistir seja neste ou naquele lugar.

Durante os primeiros seis meses de 1916, dos 2.290 trabalhadores em São Tomé que fizeram novos contratos com os antigos ou novos patrões, por períodos de 1, 2 ou 3 anos (a maior parte por 2 ou 3) 1.423 eram angoléses e 676—aproximadamente um terço—eram oriundos de Moçambique. Não parece provavel que se encontrasse entre elles numero tão elevado de indigenas de Moçambique, se se empregasse fraude ou violencia para os levar a fazerem novos contratos.

Como fiz notar no despacho a que já me referi, é muito possível que alguns dos velhos angoléses prefiram ficar nas ilhas a voltar para Angola. No regresso para o interior acham-se numa situação anómala. As minhas pesquisas provam que muitos deles vieram ainda creanças do Congo Belga. Os indigenas do sitio sabendo que tinham sido escravos, negam-lhes o respeito que teriam para com homens livres. Eles afastam-se portanto e formam comunidades aparte, fixando-se geralmente á beira duma das estradas do antigo trafico de escravatura. Pouca convivencia tem com os indigenas da localidade e pouca vontade mostram de se dedicarem a ganhar o proprio sustento. Por mais duma vez, estando eu de viagem nestas paragens, e desejando comprar viveres para mim e a minha gente, mandava um rapaz á aldeia proxima comprar uma galinha e farinha. Mas o rapaz dizia que era inutil ir lá porque os habitantes eram Santomistas e nunca tinham nada que vendessem. Numa das vezes insisti em que fosse, e ele voltou dizendo que não tinham viveres mas que mandariam buscar o que fosse preciso a uma outra aldeia e o trariam na manhã seguinte. Assim fizeram. Como já tive a honra de fazer notar, eles estão habituados a serem alimentados pontualmente, sem terem de pensar em arranjar nem em preparar comida; é natural que lhes custe a passar para outro modo de vida. Parece-me provavel que em alguns casos chegam á conclusão que a vida em São Tomé é preferivel e quando voltam para lá, contam o que tem passado e aconselham aos que lá estão que se deixem ficar. Disse-me o gerente da casa Lima & Gama que esse caso se deu na sua roça. O facto de se encontrar nas ilhas grande numero destes trabalhadores não se deve,

a meu ver, tomar como prova que estão ali detidos ilegalmente. Este resto vai diminuindo visivelmente, pouco a pouco, por via da repatriação. Que me lembre, ainda não visitei nenhum barco encarregado da repatriação para Angola que não tivesse a bordo alguns serviçais do velho tipo. Por motivos mais adiante indicados, não se considera prudente repatriar em grande numero ao mesmo tempo os serviçais que desejam voltar; porém o regresso vai-se fazendo sistematicamente debaixo da direcção do curador.



Alguns "Tommiés" apparecendo alegremente na abertura superior de um subterraneo nas linhas de fogo

Tive ocasião de ver esse sistema em operação quando fui á ilha no mez de maio deste ano (1916).

No que diz respeito a repatriação dos velhos angoléses, decidi-se como acima indiquei, não se mandar todos juntos os que desejavam regressar; no meu fraco entender essa decisão justifica-se. Retirar das roças grande numero de trabalhadores e desembarcá-los em Loanda, Novo Redondo ou Benguela, não prejudicaria só os roceiros como era tambem prejudicial aos proprios serviçais. Desembarcando no continente, não é difficil a pequenos grupos juntarem-se ás colonias dos seus congeneres já ali estabelecidos; se porem viessem em grande numero, os recursos, sempre diminutos, dos seus amigos se veriam sobrecarregados; não tardariam em se acharem a braços com a fome e poderiam lançar mão de meios ilegais para se valerem. O bonus que trazem não lhes dura muito tempo; é gasto geralmente dum modo pouco proveitoso. Além disto, se durante mezes a acomodação a bordo fosse toda tomada, como aconteceria, por esta classe, outros que tem direito á repatriação teriam que esperar largo tempo. É duro não poderem regressar



Officiaes descendo de um automovel na rua de uma pequena villa destruida pelos "boches"

logo que queiram, mas não ha maneira de obstar a esse mal.

Emquanto aos angoléses do tipo novo e aos indigenas de Moçambique e doutros distritos, não vi durante a minha visita a São Tomé senão um desejo ardente da parte do curador para os repatriar assim que acabavam os contratos, attendendo, é claro ao espaço disponivel a bordo; e os roceiros indicavam estarem prontos a acatar as suas ordens.

Acontecia ás vezes contudo, que as suas combinações se malogravam por os roceiros não despacharem os serviçais a horas de tornarem logar no vapor que lhes era destinado, com o resultado que era então preciso arranjar commodo para esses serviçais até haver outro vapor, e o navio em que deviam seguir já não levava o seu complemento de passageiros.

As estatísticas provam que no ano de 1915 desembarcaram em São Tomé e Príncipe 14.235 serviçais, e foram repatriados 5.989. Durante esse mesmo periodo tornaram a contratar-se nas duas ilhas 3.196; pôde-se calcular pelos algarismos dados acima das mortes em São Tomé durante os primeiros seis mezes de 1916, que houve umas 4.000 nas duas ilhas no ano de 1915. Este calculo dá 14.235 serviçais novos que foram para as ilhas em 1915, e 13.185 ou repatriados ou recontractados ou mortos. Pelas estatísticas á mão dos primeiros seis mezes de 1916, referentes a São Tomé, vê-se que desembarcaram na ilha 6.833 trabalhadores e que foram repatriados 3.424, 2.290 renovaram os antigos ou fizeram novos contratos, e morreram 1958. Estes algarismos atestam 6.833 entrados e 7.672 contratos renovados, repatriações ou mortes. Destes 2.703 dos desembarcados eram angoléses; 1.994 angoléses foram repatriados, 1.423 fizeram novo contrato e 908 morreram. Isto dá um total de 2.703 angoléses desembarcados em São Tomé durante os primeiros seis mezes de 1916 e 4.325 repatriados, mortos ou contractados de novo. Entre estes ultimos ficam inclusos os filhos já crescidos que nasceram na ilha, e portanto estes algarismos não servem de base segura para um calculo exato; citam-se tão sómente para se poder formar uma idéa do numero de serviçais que poderão estar á espera de repatriação num dado ano ou periodo. Em vista destes algarismos parece justo chegar-se á conclusão que a repatriação se está efectuando com uma razoavel prontidão e regularidade.

As reformas levadas a cabo pelos portuguezes desde 1908, ano em que os senhores Cadbury e Burt visitaram as ilhas e que os primeiros dez serviçais foram repatriados para Angola, são de tal ordem que sem exagero direi constituirem uma revolução. Não parece haver duvida que os metodos de recrutamento estão acima de censura. As condições em que vivem e trabalham os serviçais são boas e vão melhorando. Não só não existem provas de se empregar a fraude, a violencia ou outros meios ilegais para angariar renovação de contrato, mas ha provas irrefutaveis que os serviçais estão perfeitamente livres na escôlha de repatriação ou contrato novo; além disso o facto é publico e anunciado com antecedencia. Finalmente, pondo de parte toda a estatística sobre o assunto, o facto de haver uma corrente perene de repatriados para Angola, Moçambique, etc., está bem patente aos que visitam estas terras. Qualquer missionario ou negociante estabelecido a tres ou quatro dias de jornada da costa entre Novo Redondo e Benguela poderá testemunhar que o numero de serviçais do velho tipo repatriados para esta terra tem aumentado sem cessar; principalmente durante os ultimos dois ou tres anos; O novo tipo de serviçal retoma logo o seu antigo logar na aldeia e por isso o caso dá menos na vista.

Attendendo a estas considerações tomo com todo o respeito a liberdade de dar como minha opinião que chegou o momento de reatar as relações comerciais entre as firmas britannicas e os cultivadores do cacao. Se isto succeder, parece conveniente estatuir-se que se mantenha, pelo menos durante as circumstancias actuais, as condições agora existentes, e que mais tarde, com o fito de aumentar e melhorar o serviço de repatriação, se aproveitem no interesse dos serviçais todas os meios que possam apresentar-se para a repatriação daqueles serviçais cujo periodo de contrato tenha expirado. Com estes objectivos em vista, quer-me parecer de grande importancia que o curador em S. Tomé, e o seu substituto durante a sua ausencia sejam, o que prova ser o actual curador, homens de carecter elevado. Tenho a honra de subscrever

De V. Ex<sup>ta</sup>.

At.º Ven.º e Cr.º Obg.º  
(assignado) H. Hall Hall



Automoveis blindados do exercito britannico na rua de uma villa reconquistada



No solo reconquistado. Infantaria britannica esperando ordens de marcha

## ATRAVEZ DO ESPELHO

### AS DESCULPAS DE HINDENBURGO.

O BOLETIM alemão de 24 de April merece um commentario. Depois de expor, si bem que com uma certa reserva, as peripecias da offensiva ingleza, alludindo sempre ao heroismo das tropas allemães diz elle o seguinte:—

“ Todo o allemão homem ou mulher, paysano ou operario, que poz as suas forças ao serviço do paiz, para o abastecimento do exercito, tem a sua parte nos successos destas ultimas batalhas.”

O estado maior allemão ainda não teve a necessaria coragem para confessar o desastre da retirada estrategica e as derrotas que em seguida, lhe infligiram os inglezes. Ao contrario: chega ao ponto de dizer cynicamente que todo o allemão, seja gato ou cachorro, tem o seu pedaço nas victorias das recentes batalhas. Entretanto, a imprensa allemã anda, em contradicção com o estado maior da Allemanha trombeteando o esforço britannico. O trecho que abaixo transcrevemos, publicado no principio deste mez, e, portanto, depois do boletim, discorda inteiramente da palavra official. É, de um artigo da *Vossisch Zeitung*:—

“ O extraordinario desenvolvimento do systema de estradas e caminhos de ferro que vão ter ao *front* facilita, extraordinariamente a mudança rapida das massas de artilharia. Nesse ponto os inimigos estão, numa certa medida, superiores aos allemães. É somente graças a este facto que a batalha actual de super-material chegou a se effectuar. Um producto typico deste systema é o canhão sobre a via-ferrea, que pode ser transportado a qualquer ponto, em linhas parallelas ao *front* da batalha. Emquanto existir esse super-poder inimigo, a estrategia de Hindenburgo, consistindo em evacuar voluntariamente os territorios occupados, é a unica fossible.”

Pelo que se vê “ os successos das ultimas batalhas ” obtidos pelas tropas prussianas, segundo o communicado allemão, limitam-se apenas á estrategia de Hindenburgo que segundo a *Vossisch Zeitung*, consiste em evacuar voluntariamente os territorios occupados emquanto existir o super-poder dos alliados. Quando num campo de batalha uma das partes, não podendo resistir ao ataque ou á offensiva da outra bate em retirada, confessando que o poder do inimigo é formidavel é terrivel, diz-se que uma retirada em taes condições é uma derrota. Na Allemanha, porém, a classificacão é outra: tem o nome de retirada estrategica.

### O EXEMPLO DE VON FLECK

Ha na pilhagem a que se entregaram o soldados allemães nas cidades e aldeias evacuadas detalhes que não devem ser despresados. Por isso não nos furtamos ao desejo de publicar algumas informações sobre a pilhagem de Ham, em que o general von Fleck teve oportunidade de mostrar o seu alto valor na arte de saquear.

Madame Bernot, viuva de um senador francez, deixou a cidade de Ham, onde habitava, em 28 de Agosto de 1914, nada levando comsigo. Sua casa foi confiada á guarda de



Numa fabrica de munições. Uma operaria ingleza suspendendo por meio de machinas uma pesada capsula de granada

um jardineiro para ser, logo depois da invasão, occupada por officiaes, allemães, dentre os quaes o general von Fleck, commandante de uma divisão. Uma semana antes da retirada, a residencia de Madame Bernot foi despojada de todo o seu mobiliario do salão, da sala de jantar, dos quartos, da cosinha, rouparia e prataria que alguns caminhões transportaram para a Allemanha. O cofre forte que até então não havia sido aberto tambem não escapou á voracidade dos allemães.

No dia 18 de Março ás 8 e meia da manhã von Fleck partia do Ham, emquanto vinte soldados, commandados por um cabo, invadiam o antiga habitação do general para destruir á cacete, tudo que não fora transportado, como espelhos, quadros, e objectos de arte.

### O NOVO PORTUGAL.

MR. HAMILTON FYFE na correspondencia que enviou de Lisboa ao *Daily Mail* de Londres assim se refere ao ministro da guerra portuguez e ao seu exercito actual:

“ O ministro da guerra de Portugal, que chegou a Paris de passagem para as linhas francezas de frente, onde vae visitar o contingente da forças portuguezas, faz jús não só á sympathia, mas á apreciação do povo inglez. Em primeiro logar, como o seu nome indica, Norton de Mattos tem nas suas veias sangue britannico. Descende de uma familia chamada Norton que se estabeleceu em Portugal no principio do seculo XIX. O seu porte conserva todas as linhas de distincção dos seus antepassados britannicos; a forma de seu queixo denota firmeza e as linhas de seu rosto um temperamento resolutivo.

A maneira energica e decidida com que creou um novo exercito portuguez não desmente os caracteristicos physionomicos que possui.

Quando assumiu o cargo de ministro da guerra depois da revolução pro-alliada em 1915, em que tomou parte saliente, restabelecendo a administração constitucional após uma fraca tentativa de governo despotico por um pequeno grupo militar, Norton de Mattos era apenas major. Elle tinha prestado grandes serviços na Africa, e era considerado um excellent soldado, mas não havia ainda tomado parte proeminente na politica.

O facto de Portugal possuir hoje um exercito maior e melhor exercitado do que nos ultimos tempos, é devido aos seus esforços. O Major Mattos teve de começar a sua carreira pelo primeiro degrau. Todos os preparos feitos em Portugal durante a primeira phase da guerra universal, para tomar parte no conflicto, foram suspensos no periodo de despotismo pro-germanico. Elle, porem, transformou o chaos em verdadeira ordem, estabelecendo campos de instrucção, organizando uma nova classe de officiaes que tomam a serio as suas obrigações e trabalhando dia e noite para obter as provisões e todos os materiaes necessarios. Ainda fez mais: manteve o exercito em destaque, cultivando um espirito de devoção ao paiz e ao dever, e gradualmente, preparou a nação para tomar parte activa na guerra. Desde o primeiro momento em que travei relações com o illustre ministro, me impressionou a sua despretenciosa sinceridade, incontestavel energia e força de vontade. Como quasi todos os portuguezes de ideias adiantadas é um verdadeiro amigo da Inglaterra, dando alto valor ás tradições que envolvem seis seculos de amizade entre as duas nações.”



Soldados britânicos observando um bombardeio e comunicando-se com as baterias.



Cavalaria britânica avançando em território recentemente conquistado aos alemães.

## KULTUR

### FACTOS QUE JAMAIS DEVEM SER ESQUECIDOS

**D**ebatiam se nos últimos dias de Julho as derradeiras tentativas de paz, após os acontecimentos de Seravejo. A Belgica absolutamente segura de que a fé dos tratados era alguma coisa para as nações que presam o seu caracter, esperava que o compromisso sobre a sua neutralidade fosse respeitado por aquelles que o assumiram.

Mas, os tratados para os povos como a Allemanha, são farrapos de papel, e a sua assignatura em taes farrapos é apenas uma nodoa que a envergonha. Por isso, o Kaiser, na primeira occasião, arrancou a sua espada, rasgou com ella o nome com que subscivera o tratado de neutralidade e ordenou a invasão da Belgica.

Era a primeira prova real dessa famosa *Kultur* que assombrava o mundo, mostrando-lhe o reverso da medalha, vil e feroz; tão baixo desceu e tão ignominiosamente se chafurdou na lama das maiores infamias, patenteando emfim ao mundo inteiro o que era na realidade o caracter de seu povo que todos julgavam ver caminhar na vanguarda da civilisação, mas cuja alma nacional, abrigava na verdade, as mais abjectas intenções, os mais degradantes sentimentos.

Daqui concluímos que a Allemanha quando assignou o tratado que tornava neutra a Belgica, o fazir já com a mais revoltante má fé e na intenção consciente de faltar no momento opportuno ao compromisso de honra que a sua assignatura representava.

E este mesmo espirito de doblez caracteriza todos os allemães sem discrepancia.

A Allemanha tinha necessidade de invadir a Belgica, dizia-me a illustre e jovem allemã Fraulein Christine Hausman, com quem falei sobre a guerra.

Mas não podia, ou pelo menos não devia, porque se compromettera a respeitar a sua neutralidade—objectei-lhe.

Mas era preciso, e isso basta, concluiu de modo peremptorio a minha interlocutora!

Era o caracter colectivo de um povo a manifestar-se em toda a sua vileza, em toda a sua torpe baixeza, pela bocca virginal de uma formosa e intelligente jovem de 20 annos!

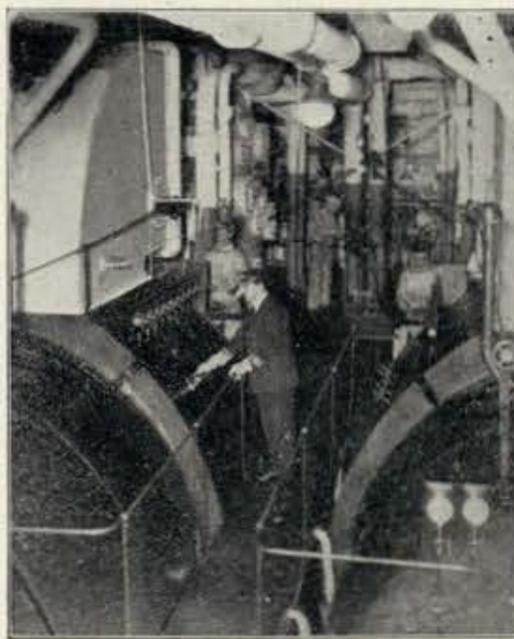
Na noite de 3 para 4 de Agosto de 1914 atravessavam as primeiras columnas a fronteira belga tendo Liège como objectivo. Altivamente, a Belgica tinha repudiado, primeiro a proposta degradante do colosso teutonico, e depois o seu *ultimatum*. Mas não se tinha convencido o gigante de que o pigmeu ousaria cumprir as suas determinações, transformando na formidavel resistencia armada que o poz em cheque, a resistencia passiva da protestos e lagrimas de que só o julgave

capaz. Como em marcha de passeio, espadas na bainha, espingardas em bandoleiras, os allemães entraram alegres e despreocupados em Verviers, como quem entra no seu proprio aquartelamento, depois de um exercicio de guerra simulado.

Mas não tardou a desillusão.

A poucos kilometro de Verviers, o primeiro esquadrão de hulanos que pisava o solo da Belgica, era surpreendido por um esquadrão de lanceiros belgas que o atacou inopinadamente, o destroçou, obrigando-o a a uma vergonhosa fuga.

As primeiras honras da recepção estavam feitas.



O compartimento das machinas de um couraçado da marinha britânica.

A seguir Visé: o combate foi rude e os allemães batidos pela pequena força de defeza da localidade, não podendo passar o Mosa cujas pontes improvisadas os belgas lhes destruíram por tres vezes, tornearam a posição, atravessaram o territorio hollandez ao sul de Maestrich, com a mesma sencerecermonia com que se propunham atravessar a Belgica, e penetraram no coração de pequeno paiz.

Ao mesmo tempo, mais ao sul, chegava o exercito de von Henrich em freite de Liège.

Eram 120.000 homens; a praça dispunha de 40.000 e Leman o heroico defensor de Liège, esperando-os com as suas forças quatro vezes menores, em Fleron, bate-os de frente,

obrigando-os a suspender a começada marcha.

Em risco de ser atacada pela retaguarda, a guarnição de Visé retirou-se em grupos de 4 e 5, diante dos muros de Liège, e sob o fogo de seus fortes os belgas infligiram novamente ao *invencivel* exercito do Kaiser a primeira grande derrota que lhes custou 15.000 homens entre mortos e feridos. A intangível superioridade da Allemanha assim posta em cheque não podia ser admittida. Era preciso uma desforra.

Propoem a rendição da praça. Leman responde que só cede pela força e acto continou um avião que voava sobre Liège é abatido a tiros de peça.

Tal resistencia desconcertou as tropas prussianas e o seu despeito transformou-se em furor bestial quando viram que até alli tinham sido continuamente batidas por forças muito inferiores. Então mostraram os allemães o terceiro aspecto de sua physionomia moral: "contra forças armadas que tão bem se defendem não era facil exercer vinganças. Que se agisse, pois, contra o povo desarmado." A serie de cannibalescas selvagerias, de baixissimas vilezas começou a manifestar-se na *Kultur*, na sua forma mais perfeita, nas suas mais bellas manifestações, no esplendor dos seus melhores resultados: no assassinato, incendiario, fuzilamentos, saques, roubos e violações.

É certo que a Allemanha tinha assignado a convenção de Haya. É certo que esta prohibe aos belligerantes o saque, o roubo, a violencia a depração. É certo que a Allemanha declara ser a guerra uma escola de heroismo, de bravura, de nobreza, onde o sangue da humanidade vae de quando em quando depurar-se das impurezas que podem manchar-lhe o caracter, a honra, os brios, ferir-lhe os sentimentos, envenenar-lhe a alma. É certo que consigna que o fim da guerra não é matar, mas apenas pôr o inimigo fora de combate, até que um dos belligerantes adquira incomparavel superioridade sobre o outro.

Mas que é a convenção de Haya para a Allemanha?

O mesmo farrapo de papel que a neutralidade da Belgica; o desrespeito ao incontestavel direito de Portugal possuir Kionga e os territorios no sul de Cunéne, de que lhe desapossou, impondo-lhe no sul de Angola a fronteira que lhe conveiu, como pretendeu fazel-o ao norte de Moçambique; o mesmo farrapo de papel que o tratado de Algeiras, que ella rasgou para arrancar á França uma parte dos territorios do Tchard, etc, etc, etc.

Começou então a dolorosa odisseia do povo belga, que pelas doutrinas da *Kultur*

alemã, não tinha o direito de defender de a sua liberdade, a sua casa, a sua vida.

A primeira resistencia foi em Visé. Que fosse Visé a primeira a saciar a sanha allemã. Contra belgas armados era difficil exercer violencias, mas contra os desarmados era facil, e a gloria. . . para os allemães. . . a mesma. Aprisionaram então onze belgas dos mais conceituados na cidade, obrigaram o povo a reunir-se na praça, e ali na presença de todos fuzilaram os onze desventurados.

Ao mesmo tempo, alguns soldados tinham sido incumbidos de incendiar varias casas na ausencia forçada de seus habitantes. Gritos lancinantes partiam de diversas ruas. Os incendios rompiam por toda a parte, enquanto junto aos onze assassinados um grupo de officiaes ria francamente da horrorosa surpresa daquella gente que corria como louca a acudir aos seus lares já presos das chammas.

A destruição lastrava e com ella o saque, e o assassinio.

Em Soisson, o guarda de em palacete, tendo resistido a um assalto, foi morto á bayoneta por um grupo de soldados que depois saquearam e incendiaram o edificio.

Em Olne, o cura Reusonnet, o secretario da camara Fondacir e outro infeliz, que os allemães descobriram espreitando de uma janella á passagem de um batalhão, foram arrastados de casa, espancados e fuzilados na rua.

Em Foret, um camponez e um filho foram fuzilados por que se acercaram de um canhão prussiano; dois filhos de outro lavrador, Delbaux, foram fuzilados não se sabe porque.

O professor Rongy, foi obrigado a pisar a bandeira da sua patria e fuzilado depois de ter sido froçado a presenciar o assassino da esposa e quatro filhos, o mais pequenino dos quaes ella erguia nos braços acima da cabeça, em gritos lancinantes, na tentativa baldada de commover os bandidos de Guilherme II.

Porque assassinaram os soldados do mais. . . civilizado dos paizes europeus, esta gente?

Na marcha de Foret sobre Liège, iniciaram os allemães um systema de guerra inteiramente novo, para maior honra do seu nome, para maior gloria das suas façanhas de bandoleiros.



As ruinas do castello de Tilley na França

Tão estranha, tão vil, tão infame acção só podia ter guarida no espirito de covardes, e posta em execução pela ferocidade sem igual e sem limites dos subditos do Kaiser,

que na invasão da Belgica se mostraram mais dignos do nome de salteadores do que do nome nobilissimo de soldados. Foi no caminho de Foret para Liège, onde sabiam o que os esperava, que os hunos do seculo XX fizeram pela primeira vez marchar na sua frente grupos de civis, mulheres e até creanças de 14 ou 15 annos, para poderam, ao abrigo desta muralha viva avançar impunemente, certos de que os soldados belgas não fariam fogo sobre as suas proprias esposas, mães ou filhos!

Hediondo! É inconcebível que no seculo presente uma nação que se ufanava da mais pura civilização, faça a guerra pelos processos de ha quinze ou vinte seculos, processos que mostram finalmente ao mundo o que era na verdade essa apparencia de civilização atraz de que se escondiam a baixeza de caracter, a depravação dos sentimentos, a ausencia de escrupulos e a covardia de um povo!

No grupo que de Foret foi obrigado a seguir na frente dos allemães figurava o cura da aldeia que, não podendo caminhar como elles queriam, pela sua avançada idade, foi empurrado a coronhadas, até que cahiu morto no meio do caminho, onde o abandonaram.

De Foret a Saint-Hadelin foi uma carnificina!

Granja por onde passassem, destruiam, incendiavam e matavam os seus habitantes. Sessenta e um desgraçados foram assassinados. Familias inteiras foram mortas nesses sessenta e um crimes.

Uma infeliz menina de 17 ou 18 annos foi ferida a bayoneta e coronhadas e, sem sentidos, abandonada na estrada. Quando voltou a si encontrou-se sob os cadaveres de seus paes e irmãosinhos, que os bandidos no antegoso do seu pavor ao despertar, lhe haviam lançado sobre o corpo inanimado.

E ao acordar a pobre sentiu sobre si as ultimas ancias de uma das creancinhas que agonisava ainda.

Que nobres exemplos o dessa Kultur de banditismo e ferocidade!

HUMBERTO BEÇA

## MODAS DA ESTAÇÃO.

### UM LINDO "COSTUME."

O nosso figurino é de uma linda blusa de foulard de phantasia e charmeuse— uma bella combinação de tecidos. Só uma pequena parte do corpinho é de foulard; o peito é



No. 5411

coberto de renda larga e tem quatro series de 3 botões. A gola é bastante aberta, como geralmente nos modelos de verão. As mangas

com os punhos de foulard e rendas dão grande realce ao vestido. A faixa é de charmeuse preta arrematada com um laço que a torna chic; duas delicadas rosetas completam o cinto. O corpo da saia é de charmeuse, e a barra de foulard de phantasia.

### UMA BLUSA SIMPLES.

O nosso desenho é de uma blusa de georgette cor de limão. Nenhum tecido poderia ser mais apropriado para uma linda blusa do que



o georgette enfeitado com finas rendas. As pregas, nos dois lados da blusa e nas mangas assim como a gola, pelo seu talho e ornamento a tornam smart. A frente da blusa, com a renda atravessada no peito, e o arremate das mangas produzem um bello effeito. A blusa é fechada com botões de phantasia. A moda actual tende para um pronunciado decote.

### CHAPEU DE VERÃO.

Para a presente estação um chapéu muito chic, conforme o nosso modelo, é de gorgorão de seda vieux rose com uma estreita borda

de palha, da mesma cor, na aba. As flores que o enfeitam, tem o centro dourado. As linhas deste chapéu destacam-se dos modelos communs, sendo a aba mais estreita na frente e virada na parte de traz. A moda dos pequenos chapéus e toucados para o verão foi completamente substituída pela dos chapéus de largas proporções, os quaes agradam ao



No. 5412

bello sexo, porque geralmente lhes vão bem, são elegantes, protegem-nas dos raios do sol e evitam o uzo de sombrinhas. A principal belleza do chapéu deste verão consiste em suas linhas e poucos ornatos.

### MOLDES.

Os moldes dos nossos figurinos poderão ser obtidos de nossos escriptorios em Londres, pela importancia de 1 \$000, moeda brasileira. Os numeros dos moldes devem ser mencionados nos pedidos.

# ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Emprestimo do Governo de 4½% de 1883.

Messrs. N. M. ROTHSCHILD & SONS participam que receberam os coupons a vencerem-se em 1 de Junho de 1917, para o *funding* estabelecido, e cujos detalhes ja foram publicados.

New Court, St. Swithin's Lane, LONDRES, E.C.

# JOHN WYMAN, LONDRES.

EXPORTADOR PARA O BRAZIL.

Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos.

Especialidades Inglesas e Estrangeiras.

MARCA REGISTRADA: "ESTRELLA VERMELHA," CONHECIDISSIMA EM TODO O BRAZIL HA MAIS DE 50 ANNOS.

VERDADEIRA ALIMENTAÇÃO PARA CÃES



Este cão é um exemplo do mais perfeito estado em que pode ser mantido um animal dessa espécie—esplêndido, cheio de vida, e faz honra ao seu dono.

As refeições diarias tem consistido em:

## SPRATT'S DOG CAKES

(Biscoito para cães)

## PUPPY BISCUITS

(Biscoito para cãesinhos)

Alimento o seu cão durante um mez com SPRATT'S BISCUITS (Biscoito Spratt's) e verá como melhora.

A firma Spratt's é famosa em todas as partes do mundo para a alimentação de cães, galinhas, passaros e outros aves domesticas.

Tambem somos proprietarios dos incubadores marca *Hygeon*, os quaes chocam todos os ovos perfeitos.

Escreva, pedindo as publicações sobre o tratamento de cães, galinhas, passaros e outras aves domesticas, mencionando para qual das especies deseja. Envia-mos gratia. Dirija a correspondencia para:

SPRATT'S PATENT LIMITED, 24/25 Fenchurch Street, Londres, Inglaterra.

# London and Brazilian Bank, Limited.

Estabelecido em 1862.

Capital subscripto, 125,000 Ações de 120 cada uma .. .. . £2,500,000  
Capital realizado .. .. . £1,250,000  
Fundo de reserva .. .. . £1,400,000

Casa Matriz: 7, Tokenhouse Yard, Londres, E.C.

SUCCURSAES:—

BRAZIL: Rio de Janeiro, Manáos, Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Santos, São Paulo, Curitiba, Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIO DA PRATA: Montevideo, Buenos-Aires, Rosario. ESTADOS UNIDOS DA AMERICA: Nova-York (Agencia).

FRANÇA: Paris, 5, rue Scribe. PORTUGAL: Lisboa, Porto.

Agentes ou correspondentes em todas as principaes cidades do Brazil, Uruguay, Argentina, Estados Unidos da America, e Europa. Cartas de credito, e Remessas Saque por telegramma emitidas pelas Succursas e Agente Letras de Cambio descontadas ou moedadas á cobrança, e todo o genero de transações bancarias.

# STOWELL & Co., LIVERPOOL.

NO PARÁ . . . . . Stowell Brothers  
EM MANÁOS . . . . . Stowell & Sons  
EM PERNAMBUCO . . . . . Stowell & Nephew

EXPORTADORES E IMPORTADORES.

FERRAGENS, FAZENDAS, ESTIVAS, METAES.

ALGODÃO, BORRACHA.

# BAISS BROTHERS & CO. Grange Works, LONDRES

(ESTABELECIDOS EM 1833).

Fabricantes de DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E ACCESSORIOS PARA HOSPITAES.

O "ROTULO VERMELHO" com a MARCA ACIMA É CONHECIDO NO BRAZIL HA UM SEculo, uma Prova da BÓA QUALIDADE DE NOSSOS PRODUCTOS.

# "The South American Journal"

FUNDADO EM 1863.

Diploma de honra na Exposição de Buenos-Ayres em 1910

Este semanario é o principal orgão em inglez para as relações commerciaes entre a Inglaterra, a America do Sul, Central, e o Mexico contendo o resumo das ultimas noticias, e o relatório de todas as companhias respeitantes áquelles paizes.

Indica tambem a melhor oportunidade para negocios, o estado do mercado, e o que lhe merece um cuidado especial, a situação financeira.

Tem uma larga circulação no continente europeu, bem como no Brazil, e outros paizes da America latina, sendo assignado por muitos banqueiros, proprietarios exportadores engenheiros negociantes, companhias de navegação, de caminho de ferro, de tramway, de gaz, escriptorios officiaes e por todas as empresas que tem interesses na America do Sul.

Para annuncios pedir a tabela.

Redacção e administração, 309-312, Dashwood House, 9, New Broad St., LONDRES, E.C.

Assignatura annual . . . . . 25 shillings  
Numero avulso . . . . . 6 pennies.  
Manda-se gratis um exemplar para amostra

# R.M.S.P. & P.S.N.C. (MALA REAL INGLEZA)

Os mais luxuosos vapores com o maximo conforto.

Serviço continuo de paquetes entre os portos do IMPERIO BRITANNICO e BRAZIL, RIO DA PRATA e outros portos da AMERICA DO SUL, ANTILHAS e CANAL DO PANAMA.



Varandas para café. Apartamentos de luxo e Camarotes com uma unica cama. Criados Portuguezes.

PARA INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE: Royal Mail Steam Packet Co., Pacific Steam Navigation Co.,

London: 18 Moorgate Street, E.C. Liverpool: 31, James Street.

RIO DE JANEIRO: 55, Avenida Rio Branco.

# Linha de Vapores Nelson

Viagens rapidas todas as semanas DE LONDRES A MONTEVIDEO E BUENOS AYRES.

Precos os mais modicos, com o maximo conforto.

Para informações sobre passagens ou fretes dirijam-se

Á agencia— WILSON SONS & CO., Rio de Janeiro. CHRISTOPHERSEN HNOS., Montevideo. H. & W. NELSON, LIMITED, Buenos Ayres.

# FINANÇAS BRAZILEIRAS

*The Financial Times* é o mais importante jornal em materia de finanças e, no genero, o de maior circulação na Gran-Bretanha. Um diario incontestavelmente reconhecido como o melhor meio pelo qual os capitalistas inglezes correctamente se informam dos desenvolvimentos financeiros e commerciaes do Brazil.

Todas as comunicações devem ser dirigidas ao Redactor ou Gerente Commercial

"The Financial Times,"

72, Coleman Street, Londres, E.C.

# LINHA BOOTH.

Viagens regulares entre Liverpool, Hespanha, Portugal, Madeira, Pará e Manáos.

Os paquetes são confortavelmente aquecidos por meio de irradiadores, caprichosamente iluminados a luz electrica, e todos os seus compartimentos aparelhados com ventiladores. Transportam installação de telegraphia sem fios, medicos, enfermeiros, creados e orchestra, para o conforto e gozo de seus passageiros.

Para informações detalhadas dirijam-se aos agentes da Linha Booth, nos portos em que tocam, ou á

THE BOOTH STEAMSHIP Co., Ltd.,

Escriptorios de Londres: 11, Adelphi Terrace, W.C. Administração: Tower Buildings, Liverpool.

# LAMPORT & HOLT LINE

Linha de vapores para transporte de passageiros e malas para a AMERICA DO SUL, BRAZIL, RIO DE PRATA, E NEW YORK

Vapores de carga, directos, transportando passageiros só de primeira classe.

Partidas quinzenaes de Manchester, Glasgow, Liverpool, Middlesbrough e Londres, para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Partidas quinzenaes de Glasgow, Liverpool, Middlesbrough e Londres, para Montevideo, Buenos-Aires e Rosario, De Glasgow, Liverpool e Havre, para os portos occidentaes da America do Sul.

Para informações dirijam-se a LAMPORT & HOLT, Ltd.

LIVERPOOL—Royal Liver Building. LONDRES—36 Lime Street. MANCHESTER—21 York Street.

# BEBAM SÓMENTE

# CHALIPTON

O melhor Chá do Mundo



À VENDA EM TODOS OS MELHORES ARMAZENS

SCENAS DA GUERRA



*Uma patrulha britannica voltando de um reconhecimento perigoso, protegida por um fogo de barragem*



*Uma força de cavallaria britannica atravessando terrenos alagados na vanguarda occidental*